



SUBSÍDIOS PARA PROCESSOS REFLEXIVOS EM PROJETOS DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Mayla Willik Valenti - UFSCar
maylabio@hotmail.com

Pavel Dodonov - UFSCar
pdodonov@gmail.com

Daniela Bortoluzo de Lorenzo - UFSCar
dani_bortoluzo@hotmail.com

Haydée Torres de Oliveira - UFSCar
haydee@ufscar.br

Resumo

A auto-reflexão e a sistematização de experiências permitem identificar fatores importantes para projetos de educação ambiental. Neste estudo, analisamos um processo de auto-reflexão desenvolvido com um grupo participante de um projeto universitário de educação ambiental. Em reuniões semanais, realizamos um processo de auto-reflexão e proposição de um novo modelo para o projeto. Sistematizamos participativamente essa experiência com base principalmente em observação participante e relatos dos encontros. Percebemos que o processo só foi possível quando os temas e procedimentos atendiam aos interesses e demandas do grupo e quando havia objetivos concretos. Concluimos que um processo de auto-reflexão significativo deve considerar o perfil e o contexto do grupo, e que deve haver articulação entre reflexão, resolução de problemas práticos do projeto e estudo teórico. Assim, a sistematização de experiências é um procedimento metodológico pertinente para subsidiar reflexões e pesquisas em educação ambiental, contanto que esses fatores sejam levados em conta.

Palavras-chave: avaliação de projetos, sistematização de experiências, pesquisa participativa.

Abstract

Self-reflection and systematization of experiences allow identifying important factors for environmental education projects. In this study, we analyzed a self-reflection process with the members of an environmental education project in a university. In weekly meetings, we performed a self-reflection process and proposed a new model for the project. This experience was systematized participative, based mainly on personal observation and meeting reports. We noticed that a significant self-reflection process must consider the profile and context of the group. Articulation between reflection, solution of practical problems, and theoretical study is also needed. In this way, experience systematization is a relevant procedure for aiding in reflections and research in environmental education, as long as some factors are taken into account.

Keywords: project evaluation, systematization of experiences, participative research.

Introdução

A educação ambiental (EA) crítica, transformadora e emancipatória pressupõe a realização de um processo coletivo, dinâmico, contínuo e interdisciplinar de sensibilização e participação social para a sustentabilidade, articulando a dimensão teórica e prática (TOZONI-REIS, 2005). Segundo Jacobi (2005), o principal eixo da educação ambiental deve buscar, acima de tudo, a solidariedade, a igualdade e o respeito à diferença por meio de uma atuação democrática baseada em práticas interativas e dialógicas.

Nesse sentido, a auto-reflexão continuada deve fazer parte de um projeto de educação ambiental que se proponha seguir esses princípios. Tendo em vista que um dos princípios da educação ambiental é a "garantia de continuidade e permanência do processo educativo" (ProNEA, 2005), a avaliação não pode ser pontual, mas deve ser constante, ao longo de todo o processo. No entanto, essa prática geralmente é deixada de lado em projetos de educação ambiental por diversos motivos (Andrade & Loureiro 2001).

O projeto "Visitas orientadas à Trilha da Natureza" pode ser considerado um exemplo de trabalho que enfrenta essa dificuldade. Trata-se de um grupo de estudantes universitários, a maioria voluntários, coordenados por uma professora, que desenvolvem ações de educação ambiental com diferentes públicos. Antes da realização desse trabalho, as atividades regulares do grupo tinham caráter pontual, assim como algumas tentativas de avaliação dessas atividades. Durante o ano de 2008, o grupo decidiu diminuir suas atividades e iniciar um processo de auto-reflexão tentando realizar a sistematização de suas experiências.

A sistematização participativa de experiências pode ser uma ferramenta importante para a prática dos pressupostos da educação ambiental crítica, pois prevê uma organização, reconstrução e interpretação democrática e coletiva da realidade vivenciada. Dessa forma, a sistematização proporciona uma criação participativa de conhecimentos teórico-práticos, que deverão ser usados para a transformação da realidade e pressupõe compartilhar com as/os interessadas/os esses ensinamentos (JARA-HOLLIDAY, 2006). Assim, a prática da sistematização se aproxima da pesquisa-ação-participativa. A pesquisa-ação-participativa tem como objetivo produzir conhecimentos sobre a realidade a ser estudada e, ao mesmo tempo, realizar um processo educativo participativo para o enfrentamento dessa mesma realidade (TOZONI-REIS, 2005). Dessa forma, propõe-se tomar como ponto de partida os problemas reais para romper a separação entre teoria e prática na produção de conhecimentos sobre os processos educativos (BRANDÃO, 2005; TOZONI-REIS, 2005).

Contudo, existem poucos trabalhos de pesquisa e ação em educação ambiental que utilizaram esse procedimento metodológico. Portanto, o objetivo deste estudo foi analisar o processo de auto-reflexão e a tentativa de sistematização de experiências realizada por um grupo participante de um projeto de extensão de educação ambiental da Universidade Federal de São Carlos. Buscamos identificar procedimentos que facilitaram e que dificultaram esse processo, assim como potencialidades e desafios do grupo. Acreditamos que com isso podemos fornecer subsídios para outros grupos semelhantes que queiram realizar um processo como esse.

Procedimentos metodológicos

Para a coleta de dados, realizamos no ano de 2008, reuniões com um grupo de estudantes participantes de um projeto de extensão universitária de educação ambiental “Visitas orientadas à Trilha da Natureza”, no ano de 2008. Durante as reuniões o grupo realizou um processo de auto-reflexão e proposição de um novo modelo de trabalho para o projeto. Realizamos a sistematização participativa dessa experiência seguindo as etapas propostas por Jara-Holliday (2006; Tabela 1), com base principalmente em observação participante e relatos dos encontros, usando também gravações de áudio e registros fotográficos.

O grupo participante da pesquisa era formado por sete integrantes, considerando as pessoas que estiveram sempre presentes e aquelas que participaram esporadicamente de algumas atividades. Ao longo do ano, cinco pessoas, incluindo a animadora, participaram ativamente do processo. As/os participantes eram estudantes do curso de Ciências Biológicas e mestrado em Ecologia e Recursos Naturais, além da coordenadora do projeto, professora do Departamento de Botânica, todos da UFSCar. Para desenvolvermos esse trabalho, tomamos como base os princípios da pesquisa-ação-participativa. Assim, buscamos articular os interesses sociais aos interesses científicos e os conhecimentos produzidos aos interesses das/os participantes. Dessa forma, essas/es deixam de ser objetos de estudo para serem pesquisadoras/es, ou seja, produtoras/es de conhecimento sobre sua própria realidade (TOZONI-REIS, 2005).

Realizamos as atividades de reflexão e construção de um novo modelo de trabalho para o projeto em encontros fora do horário ordinário de reunião do grupo. Buscamos realizar as etapas da sistematização com a maior participação possível de todo o grupo. Devido ao prazo para realização desse trabalho, algumas propostas foram apresentadas pela animadora¹ e foram adaptadas de acordo com os interesses das/os participantes e viabilidade de execução

Tabela 1. Planejamento da sistematização de experiências de reflexão do projeto “Visitas orientadas à Trilha da Natureza”, baseado em Jara-Holliday (2006).

Objetivos (para quê?)	Identificar os procedimentos que facilitaram as experiências de reflexões e discussões realizadas pelas/os participantes do projeto “Visitas orientadas à Trilha da Natureza” durante o ano de 2008.
	Identificar as potencialidades e desafios para a construção de um plano de sistematização de experiências contínua e adequada à dinâmica desse grupo.
	Compartilhar as experiências e contribuir com outros grupos que realizem trabalhos semelhantes.
Objeto (o que sistematizar?)	As experiências de auto-reflexão desenvolvidas no grupo e as práticas decorrentes da mesma desenvolvidas em 2008.
Eixo da sistematização (quais são os aspectos centrais?)	Características e instrumentos utilizados na reflexão participativa em um grupo que desenvolve um projeto de educação ambiental
Procedimentos (como sistematizar?)	Recuperação do processo vivido: descrição das ações desenvolvidas, dos instrumentos utilizados, da participação do grupo nas atividades, com base nos relatos dos encontros e observação participante.

¹ A animadora da pesquisa é a primeira autora do resumo que propôs essa pesquisa ao grupo. Escolhemos utilizar esse nome para diferenciá-la entre as/os participantes, pois consideramos todas/os como pesquisadoras/es.

	Construção coletiva de tabela a partir do roteiro de ordenação e classificação das informações.
Roteiro de ordenação e classificação da informação	Quais foram as ações de reflexão e práticas desenvolvidas?
	Que procedimentos facilitaram o processo de reflexão/ação do grupo?
	Quais as dificuldades do processo?
	O que foi colocado em prática?
	Como foi a prática depois da reflexão?
	Quais as potencialidades do grupo para esse processo?
Análise crítica das informações	Análise crítica da recuperação do processo vivido e tabela construída.
Formulação das conclusões	Conclusões práticas expressas em sugestões de reflexão e sistematização continuadas no grupo. Conclusões teóricas sobre o processo de auto-reflexão
Comunicação da aprendizagem	Resumo VIII Simpósio do Curso de Especialização em Educação Ambiental e Recursos Hídricos: múltiplos olhares e saberes (CRHEA/USP).
	Monografia apresentada no Curso de Especialização em Educação Ambiental e Recursos Hídricos.
	Perspectivas futuras: Divulgação da tabela construída no CCBS e elaboração de fotonovela.

Resultados

1. Reconstrução do processo vivido

No final do ano de 2007, o grupo de monitoras/es da Trilha da Natureza foi informado de que em 2008 o projeto não constaria oficialmente como projeto de extensão da UFSCar, pois havíamos perdido o prazo de solicitação de apoio à Pró-Reitoria de Extensão (ProEx). Em outros anos, a ProEx dava ao projeto suporte na forma de duas bolsas e uma quantia para compra de materiais de consumo. Diante desse problema, decidimos que reduziríamos nossas atividades durante o próximo ano e dedicaríamos esse período à realização de algum tipo de avaliação sobre as experiências do projeto. Nesse contexto, a animadora dessa pesquisa apresentou a proposta de realizarmos uma sistematização participativa de experiências do projeto a fim de refletirmos sobre as práticas que vínhamos desenvolvendo e melhorar o trabalho futuro. Para tanto, a animadora propôs o estudo do livro “Para Sistematizar Experiências” de Oscar Jara Holliday, publicado em 2006, que serviria como base para o desenvolvimento da sistematização.

Assim, realizamos alguns encontros para planejar e realizar a sistematização de experiências do projeto. Durante essas reuniões, identificamos aspectos positivos e negativos do projeto e sugestões para melhorar a prática. Os principais pontos discutidos foram os conteúdos e procedimentos das visitas monitoradas, a necessidade de realizar um trabalho continuado de educação ambiental, a formação de monitoras/es, e formas de avaliação do projeto. Notamos que as falas das/os participantes freqüentemente direcionavam mais a uma proposta de ação para resolver um problema identificado do que propriamente para a reflexão a respeito de experiências anteriores. Desse modo, estávamos caminhando em uma direção um pouco diferente da idéia inicial de sistematização. Sendo assim, decidimos que continuaríamos as discussões em uma linha propositiva, mas ainda reflexiva. Como resultado, surgiu no grupo uma

proposta de mudança radical do projeto a fim de desenvolver um trabalho de educação ambiental continuado em parceria com as escolas que visitam a Trilha da Natureza.

No entanto, passamos a nos preocupar com o número reduzido de pessoas que estavam freqüentando as reuniões. Por isso, decidimos organizar um curso rápido de formação de monitoras/es. Dessa forma, unimos essa demanda com as reflexões que acumulamos e com o objetivo de preparar as/os novas/os monitoras/es para a atuação no novo projeto que estávamos construindo. Para tanto, realizamos leituras, discussões e reflexões sobre os aspectos que consideramos importantes para esse o novo modo de atuação e as articulamos ao planejamento do curso. Os aspectos trabalhados foram: objetivos, estratégias, conteúdos e avaliação.

Com base nessas discussões, realizamos o curso de monitoras/es, além de outras atividades de formação como mini-curso e palestra. Além disso, realizamos a elaboração de um novo projeto à Pró-Reitoria de Extensão da universidade para ser executado em 2009, no qual buscamos incorporar as novas idéias discutidas ao longo do ano.

2. Interpretação crítica das informações

O processo de auto-reflexão desenvolvido junto aos/às participantes do projeto contribuiu para um aprofundamento teórico e prático do grupo com relação à educação ambiental, processos participativos e sistematização. Identificamos que o trabalho de educação ambiental desenvolvido pelo grupo foi mais bem organizado e se tornou menos intuitivo em relação às ações anteriores, e o grupo passou a dar maior importância a aspectos como relatos e avaliações de experiências. Os principais aspectos trabalhados nesse processo com o grupo – formação de monitoras/es, desenvolvimento de processos educativos contínuos e avaliação – foram citadas desde as primeiras reuniões. Porém, o processo de reflexão e estudo permitiu uma maior compreensão pelas/os participantes sobre os princípios de educação ambiental que definimos como importantes para incluir no projeto. Isso pode ser percebido pelo fato de termos construído propostas concretas com base nesses princípios e de termos buscado colocá-los em prática.

Desde o início desse trabalho, identificamos uma disposição do grupo em realizar processos de auto-reflexão. A decisão de reduzir as atividades do projeto para dedicar um tempo a analisar as experiências vivenciadas demonstra uma capacidade do grupo em se organizar diante de um problema e a disposição em refletir para melhorar a prática.

Ao longo do processo, percebemos mudanças na postura das/os participantes de acordo com as ações propostas. A primeira tentativa de sistematização não gerou uma grande participação das/os integrantes. Havia uma falta de contato anterior do grupo com o procedimento de sistematização, escassez de registros para realizá-la e ainda falta de identificação do grupo com as experiências a serem analisadas, já que grande parte eram integrantes novas/os. A participação do grupo foi intensificada a partir do momento em que tomamos a decisão de trabalharmos em um sentido mais propositivo.

Identificamos algumas características do grupo que facilitaram e **ou** dificultaram o processo de reflexão realizado. A autonomia (no sentido de que o grupo consegue desenvolver ações mesmo sem a coordenadora do projeto), abertura ao diálogo e participação de todas/os permitiram a tomada coletiva de decisões. A diversidade de experiências de cada integrante, a flexibilidade para direcionar as ações para as demandas identificadas, a disposição para refletir sobre as atividades desenvolvidas e de colocar em prática aquilo que foi aprendido contribuíram para que ocorressem

mudanças significativas no projeto. Por outro lado, a falta de tempo, a pequena experiência e formação teórica sobre educação ambiental e sistematização e a dificuldade de operacionalizar as idéias apresentadas nos textos discutidos limitaram a profundidade e rapidez dessas mudanças. Essas características permitem identificar que se trata de um grupo bastante voltado para a prática, com interesse em resolver problemas e melhorar o trabalho desenvolvido. Contudo, as dificuldades encontradas podem ser devido ao fato das/os integrantes não terem o projeto de extensão como atividade principal. Sendo estudantes, possuem outros compromissos da vida acadêmica e grande parte desses não é relacionada ao campo teórico da educação.

Identificamos que as demandas do projeto e o procedimento de reflexão com objetivos práticos contribuíram para aumentar o interesse e participação das/os integrantes. A falta de institucionalização do projeto, acarretando em ausência de bolsas para as/os monitoras/es incentivou a decisão de diminuir as atividades e refletir sobre as práticas que vínhamos desenvolvendo. O número reduzido de participantes foi o estímulo para a realização do novo curso de formação de monitoras/es. Além disso, a participação e a discussão teórica foram aprofundadas quando decidimos reformular o projeto e planejar o curso de monitoras/es de acordo com os novos objetivos que elaboramos. Dessa maneira, nos deparamos com problemas concretos a serem resolvidos com base na auto-reflexão que realizaríamos.

Apesar do interesse das/os integrantes, o tempo reduzido foi limitante em diversas situações. Esse fator limitou a participação individual de cada monitor/a na presença nas reuniões e na leitura prévia dos textos necessários à discussão. Além disso, os prazos para planejamento das ações de formação também restringiu a dedicação ao processo reflexivo. Um procedimento que nos auxiliou nesse sentido foi a determinação de um tempo exclusivo para essa ação. Dessa maneira, conseguimos manter o foco das discussões sem que outros assuntos tomassem conta das reuniões.

A leitura e discussão de textos de educação ambiental e sistematização subsidiaram o processo de reflexão. À medida que passamos a estudar alguns textos, os critérios para as escolhas dos objetivos, conteúdos e procedimentos a serem adotados ficaram mais claros. Além disso, esse fato contribuiu para a percepção da necessidade do aprofundamento teórico do grupo. Apesar de esse tipo de preocupação ser anterior ao desenvolvimento desse trabalho, foi durante esse processo que as/os monitoras/es tomaram a iniciativa de estudar com um pouco mais de profundidade aspectos teóricos relacionados à educação ambiental, e também passaram a tratar este assunto com maior seriedade.

Discussão

A decisão do grupo em reduzir suas atividades e dedicar um tempo para refletir sobre as práticas e experiências do projeto demonstra uma capacidade do grupo em se organizar diante de um problema e a disposição em refletir para melhorar a prática. Essas características do grupo podem ser consideradas uma potencialidade para futuras ações dentro do projeto e seu estímulo pode contribuir para a construção de trabalhos coletivos futuros. Segundo Jara-Holliday (2006), uma condição para as pessoas participarem da sistematização de uma experiência é ter interesse em aprender a partir da mesma. Segundo ele, essa motivação gera uma disposição ativa para construir um pensamento criativo e inovador, que responda ao ritmo dos acontecimentos que se vive.

Para o processo de auto-reflexão ter tido sucesso, foi necessário que os temas e procedimentos fossem significativos para o grupo. As mudanças ocorridas ao longo do processo, buscando adequação aos interesses e à postura das/os monitores, geraram

ações concretas de reflexão e prática. Essa constatação reforça a idéia de Jara-Holliday (2006) da importância das pessoas terem participado da experiência a ser sistematizada. Além disso, corrobora a idéia de que ações que levem em conta o interesse do grupo estimulam a participação e, portanto, são mais significativas (ANADÓN, 2001; ANDRADE & LOUREIRO, 2001; BRANDÃO, 2005). Portanto, um processo de auto-reflexão deve considerar o perfil do grupo para que seja significativo. Nesse trabalho, o perfil do grupo foi sendo traçado ao longo do tempo e, especialmente, no fim do processo. Provavelmente, se esse procedimento fosse desenvolvido anteriormente, as dificuldades iniciais de mobilização do grupo seriam menores.

Como mostramos anteriormente, as reflexões seguiram uma linha muito mais propositiva do que de sistematização de experiências. Acreditamos que isso tenha sido provocado por dois motivos principais. O primeiro é que havia poucas pessoas no grupo que tivessem participado dele por vários anos e pudessem falar sobre dificuldades e outros aspectos enfrentados nos anos anteriores. O segundo motivo seria a falta de materiais organizados (por exemplo, relatos e avaliações de atividades) para serem analisados. Esses materiais facilitariam bastante o processo de sistematização, o que mostra a importância de se manter registros atualizados das atividades de projetos em educação ambiental, para facilitar avaliações futuras e, assim, desenvolver ações mais significativas.

A partir da identificação do perfil do grupo, percebemos que a proposta de realizar a auto-reflexão com objetivos concretos foi importante para o sucesso do trabalho. Quando decidimos direcionar a reflexão para a resolução dos problemas identificados (necessidade de reformular o projeto e formar novas/os monitoras/es) a participação aumentou e a reflexão teórica foi aprofundada. Essa decisão também incentivou a leitura dos textos. Dessa maneira, houve uma articulação entre teoria e prática que se retro-alimentaram constantemente, permitindo um processo de avaliação continuada dentro do grupo. Por outro lado, notamos que a dedicação de encontros exclusivos para realizar a reflexão também foi importante para o grupo se concentrar nessa atividade. Segundo Andrade & Loureiro (2001), geralmente o monitoramento e avaliação de projetos de educação ambiental é sufocado pela sobrecarga de trabalho com outras atividades. Portanto, uma articulação da auto-reflexão com a resolução de problemas práticos, ou seja, de acordo com a demanda dos projetos pode ser uma forma eficiente de desenvolver a *práxis* junto às/aos participantes, desde que essa intenção esteja clara para o grupo.

O estudo de textos como subsídio ao processo de auto-reflexão contribuiu significativamente para as mudanças ocorridas nas ações desenvolvidas no projeto e para a formação das/os participantes. Apesar disso, identificamos uma dificuldade na leitura e interpretação dos textos da área da educação de forma geral. Essa não deve ser uma dificuldade exclusiva desse grupo, já que o campo da educação ambiental abarca profissionais de diversas áreas e, inclusive, com diferentes níveis de formação. Dessa forma, identificamos uma escassez de materiais com linguagem acessível a esse público. Por esse e outros motivos, a maioria dos educadores ambientais não distingue diferenças teóricas e políticas no desenvolvimento de suas práticas educativas, o que provoca um ecletismo em seu trabalho cotidiano (González-Gaudiano 2001). Segundo Tozoni-Reis (2005), é necessário que as/os educadoras/es possam organizar, interpretar e compreender os processos educativos vivenciados para o aprimoramento das práticas educativas. Assim, a articulação entre os processos de reflexão e avaliação de projetos com o estudo teórico é um procedimento que contribui nesse sentido. Dessa maneira, a avaliação não se restringe a medição de resultados perante objetivos pré-determinados,

mas se torna também um processo de aprendizagem, conforme proposto por Anadón (2001), Sobrinho (2003), entre outras/os.

Considerações finais

Considerando os aspectos citados anteriormente, podemos concluir que a sistematização de experiências proposta por Jara-Holliday (2006) é um procedimento metodológico pertinente para subsidiar reflexões e pesquisas em educação ambiental. Esse processo apresenta um objetivo concreto de resolução de um problema para aprimorar a prática e privilegia a formação das/os participantes durante sua realização. Além disso, apresenta referenciais teóricos alinhados à perspectiva crítica da educação ambiental e, dessa forma, utiliza métodos que valorizam a participação, o diálogo e a formação de sujeitos críticos e emancipados. Assim como a sistematização de experiências contribuiu para o aprimoramento do projeto de extensão estudado, acreditamos que pode ser utilizado por outros grupos com dinâmicas semelhantes. Contudo, essa proposta exige uma grande dedicação das/os participantes e ainda certo nível de conhecimento teórico tanto sobre a própria sistematização, como sobre o tema a ser sistematizado. Para sanar essa dificuldade, a sistematização contínua de experiências deve considerar o perfil do grupo e o contexto no qual esse está inserido e incluir a resolução de problemas práticos do projeto e ainda procedimentos que estimulem a formação das/os participantes, e, se possível, ser desenvolvida desde a criação do grupo.

Referências bibliográficas

- ANADÓN, M. Quando avaliar é formar. In: SANTOS, J. E.; SATO, M. **A contribuição da educação ambiental à esperança de Pandora**. São Carlos: Rima, 2001. p. 559-568.
- ANDRADE, A. L. C.; LOUREIRO, C. F. B. Monitoramento e avaliação de projetos em educação ambiental: uma contribuição para o desenvolvimento de estratégias. In: SANTOS, J. E.; SATO, M. **A contribuição da educação ambiental à esperança de Pandora**. São Carlos: Rima, 2001. p. 511-530.
- BRANDÃO, C. R. Pesquisa Participante. In: FERRARO-JUNIOR, L.A. **Encontros e caminhos: formação de educadoras(es) ambientais e coletivos educadores**. Vol. 1. Brasília, 2005. p. 257-266.
- GONZÁLEZ-GAUDIANO, E. G. Discursos ambientalistas e discursos pedagógicos. In: SANTOS, J. E.; SATO, M. **A contribuição da educação ambiental à esperança de Pandora**. São Carlos: Rima, 2001. p. 389-396.
- JARA-HOLLIDAY, O. Para sistematizar experiências. Brasília, MMA, 2006. 126p.
- TOZONI-REIS, M. F. C. Pesquisa-ação. In: FERRARO-JUNIOR, L. A. **Encontros e caminhos: formação de educadoras(es) ambientais e coletivos educadores**. Vol. 1. Brasília, 2005. p. 267-276.